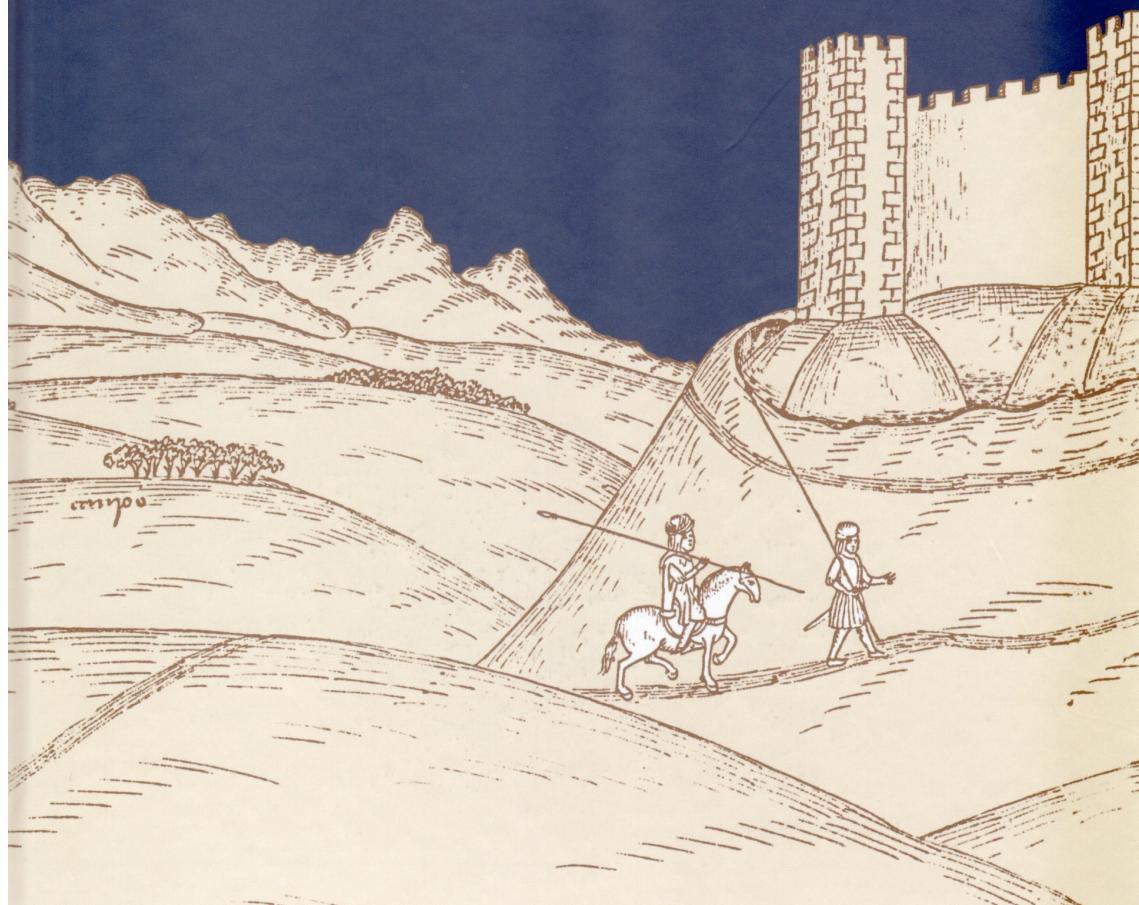


Santiago Macias

DUARTE
DARMAS

so cálamo ao drone



FICHA TÉCNICA

TÍTULO
Duarte Darmas: do cálamo ao drone

TEXTO
Santiago Macias
Fernando Branco Correia (Elvas)

FOTOGRAFIAS
Santiago Macias
Daniel Capa (drone)
Orlando Fialho (Carmo, p. 88 e brasão, p. 89)
Alberto Frias (Criptopórtico, p. 66)
Rui Ferreira (Castelo, p. 88)

DESIGN GRÁFICO
TVM Designers

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM 1500 exemplares
DEPÓSITO LEGAL 491428/21

EDIÇÃO
MultiCulti – Culturas do Mediterrâneo

© MultiCulti 2021



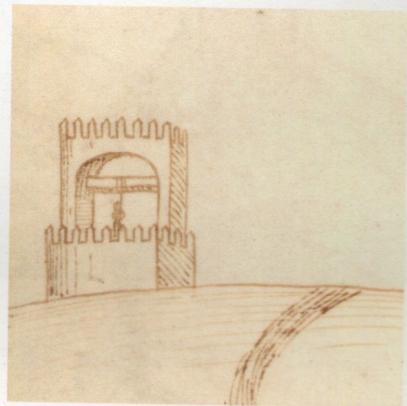
ELVAS

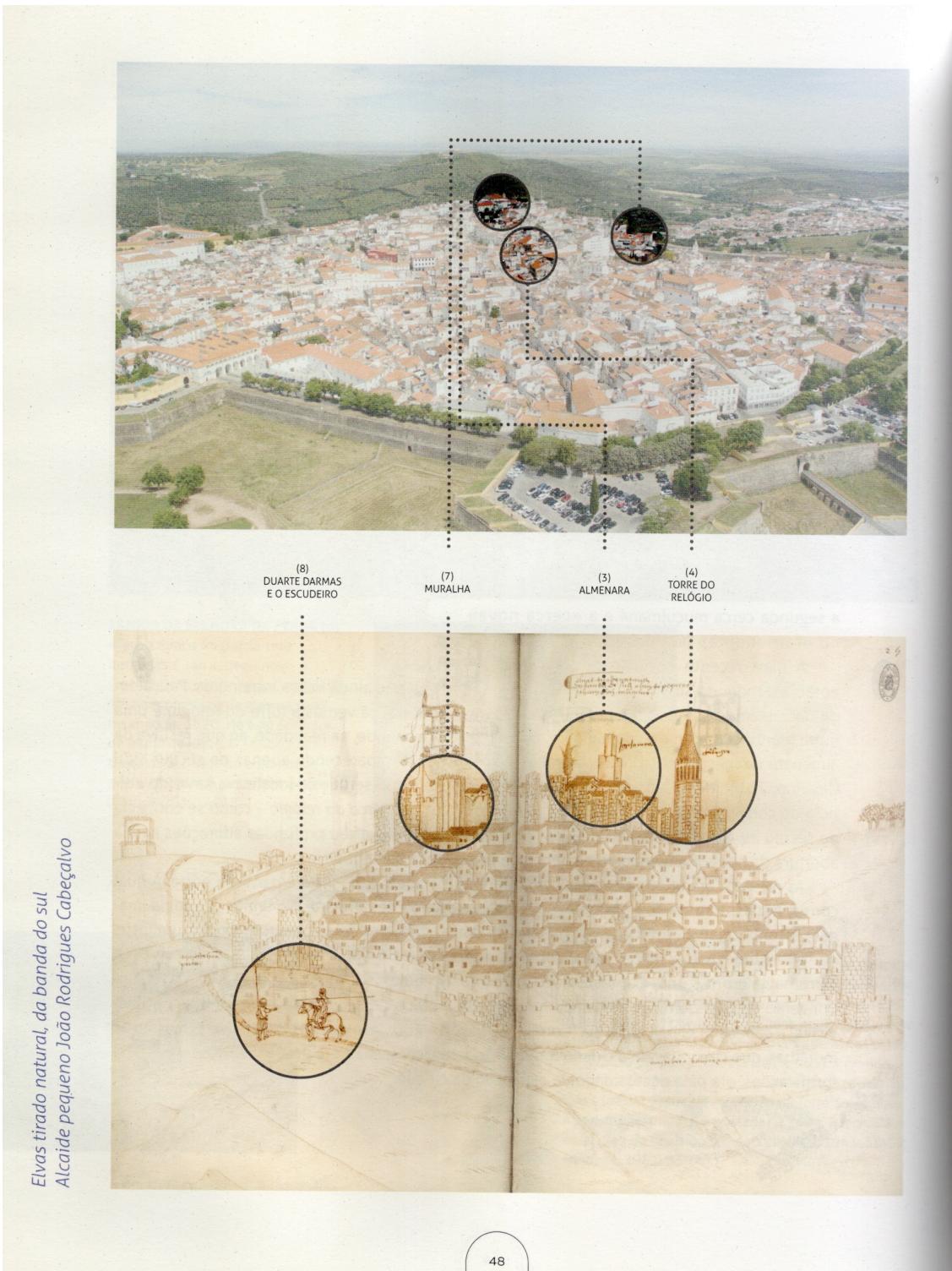
Divisa-se com alguma dificuldade o que Duarte Darmas representou da cidade de Elvas. O crescimento da urbe, ao longo dos séculos, e a construção das fortificações pós-Restauration alteraram, de modo sensível, o perfil do sítio.

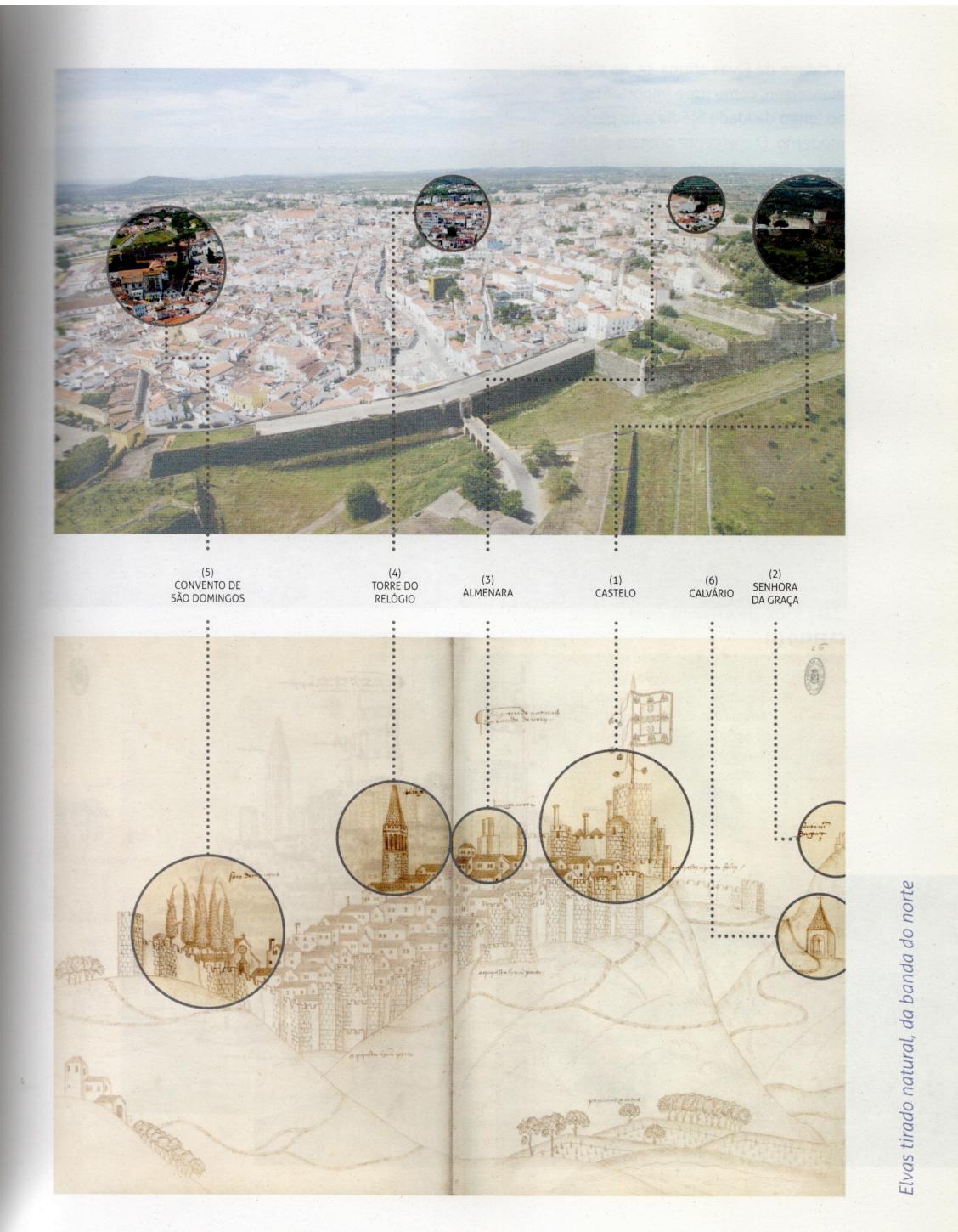
O desenhador de D. Manuel representou uma cidade cingida pelas muralhas e sem arrabaldes extramuros. Uma parte do que nos mostrou continua a ser identificável, outros elementos, entretanto desapareceram, levados pelo crescimento da cidade. Na vista tomada a partir de sul, vemos duas cinturas de muralhas, a segunda cerca muçulmana e a «cerca nova» ou «fernandina» (Correia, 2013: 175-185).

A mais recente envolve toda a cidade de então, estendendo-se até ao Convento de São Domingos, que ainda ficava intramuros. Para além de um sistema defensivo bem identificado, com a sua barbacã vemos a torre do relógio e uma outra identificada como «igreja moor». Esta última corresponde, na realidade, ao que restava da almenara da mesquita de Elvas (Correia, 2013: 78-82), desaparecendo apenas no século XVIII (Jesuíno, 2016: 197-198). Quanto ao relógio da cidade, sabe-se que se localizava junto do edifício do concelho, sobre uma torre da *porta de Santiago* ou *Arco do relógio* – como se conhecia no século XV (Correia, 2013: 168, 290-292). Toda esta zona sofreu profundas alterações com a abertura da praça manuelina hoje conhecida como Praça da República.

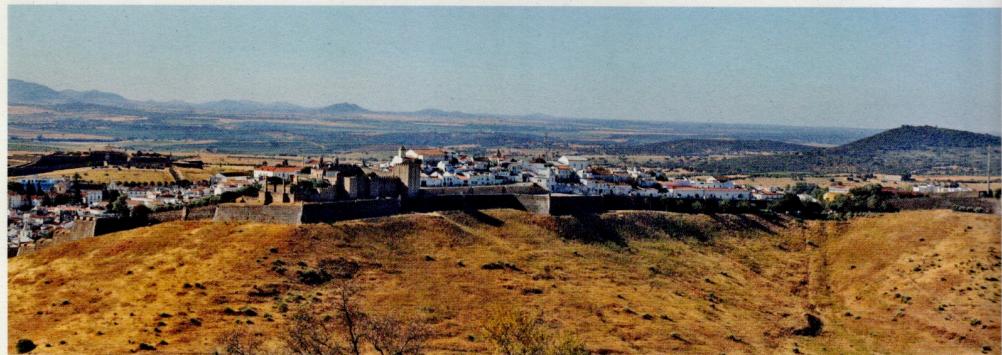
As mesmas estruturas se veem, com diferente perspetiva, na vista a partir de norte. A qual corresponde, na verdade, a uma imagem tirada de este ou de nordeste. No limite direito da imagem reconhece-se a ermida da Santa Maria da Graça, cujo local foi depois tomado por um forte, que ainda hoje marca a linha do horizonte (Jesuíno, 2016: 56-58). A meia encosta, nesse mesmo cerro havia um calvário, entretanto desaparecido. No limite sudeste da cidade localizava-se o Convento de São Domingos, iniciado na segunda metade do século XIII, do qual é ainda bem visível a cabeceira gótica da igreja (Correia; 2013: 277-280; Jesuíno, 2016: 186-187). Mesmo as muralhas, que circundavam a cidade foram ficando ultrapassadas, ora pela construção das novas fortificações, ora pela necessidade de expansão da cidade.





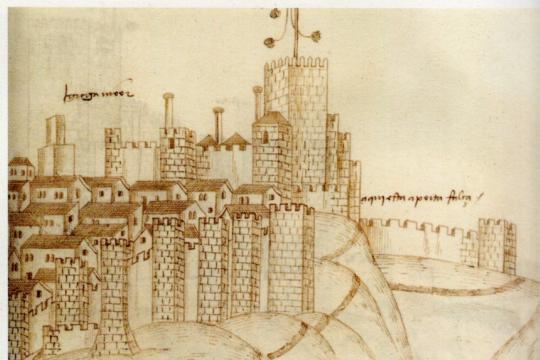


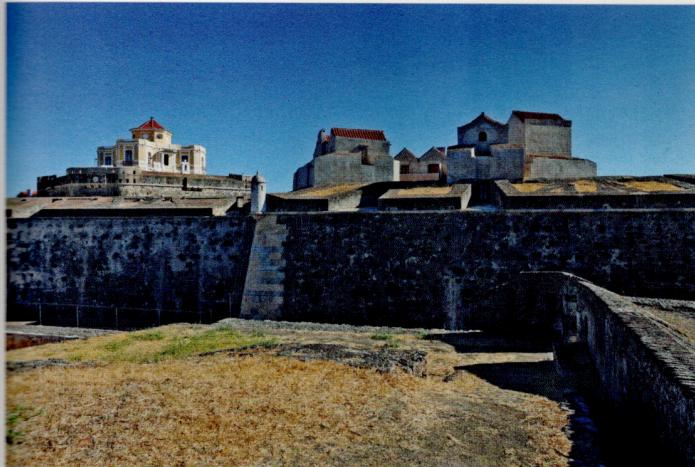
A cidade de Elvas afirma-se, no panorama alentejano, como urbe importante ao longo da Idade Média e do período moderno. O crescente número de habitantes reflete essa realidade: de pouco mais de 7500 habitantes em 1527 (Collaço, 1929: 34), passa para perto de 9000 em 1758 (soma das freguesias da Alcáçova, Assunção, Salvador e São Pedro – Capela, 2019: 516, 533, 541 e 550).



CASTELO (1)

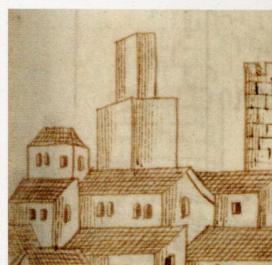
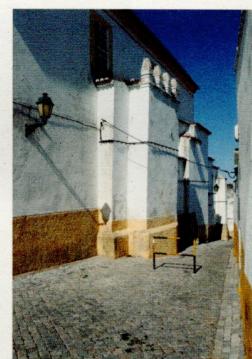
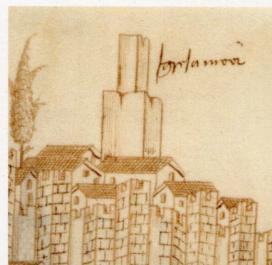
A imagem do castelo manteve-se inalterada ao longo de séculos. A descrição das Memórias Paroquiais diz-nos: «[refira-se o] Castello da mesma cidade com muros, e torres muito antigas, do qual se devisa a cidade de Badajos, Reyno de Castella, com o Rio Guadiana, que divide hum Reino do outro» (Capela, 2019: 516).





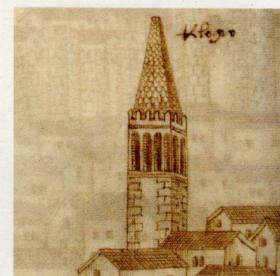
SENHORA DA GRAÇA (2)

O Forte da Graça começou a ser construído em 1763 (a ermida original foi construída no final do século XIV – Jesuíno, 2016: 56-57). Uns anos antes, a referência que se fazia ao local era compatível com o desenho quinhentista: «Fora extramuros desta cidade (...) tem mais a ermida de Nossa Senhora da Graça, no alto de huma serra» (Capela, 2019: 516).



ALMENARA (3)

O perfil da antiga almenara segue o modelo almóada, uma torre quadrangular, rematada por uma pequena estrutura, normalmente vazada. A memória da antiga aljama ainda não se apagara, no século XVIII: «esta igreja hé a mais antiga da cidade, foi mesquita de mouros» (Capela, 2019: 516). A sua conversão também não fora esquecida: «senhores os nossos do castello e misquita, que estava na parte mais alta, com as cerimônias da igreja a purificaram das immundices de Mafoma, e já igreja, a dedicaram ao Nascimento da Virgem Nossa Senhora» (Capela, 2019: 518. Ver ainda Jesuíno, 2016: 197-198).



TORRE DO RELÓGIO (4)

Não há referências nas Memórias Paroquiais ao relógio (Jesuíno, 2016: 119), que poderia ter entretanto desaparecido do panorama de Elvas. Localizava-se nesta zona, perto do limite direito da imagem.



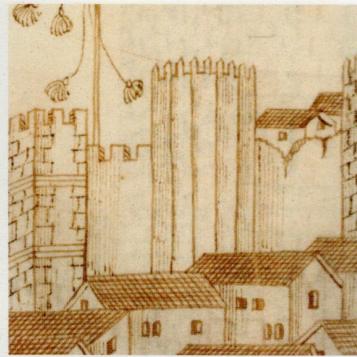
CONVENTO DE SÃO DOMINGOS (5)

«Tem esta freguesia dentro em si hum convento de religiosas dominicas com a invocação da Senhora da Conçolação, sujeitas aos religiosos da mesma Ordem» (Capela, 2019: 516).



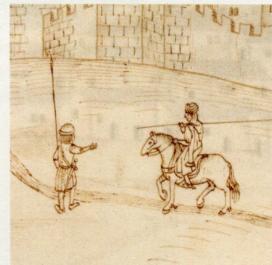
CALVÁRIO (6)

Desaparecido.



MURALHA (7)

«Por cima do arco do Bispo corre, para o Norte, o muro antigo da villa quando os mouros possuiam esta terra. Nelle há duas pequenas torres quadrangulares em bom stado, que servem de passeio e recreação ao Prelado e sua família. E no fim deste muro junto à vedoria d'artelharia se acha huma torre peligona de formigão, ou terra argamassada, com tam grandes fendas, que parece ameaçar a ultima ruina, porem há muitos seculos se acha nesta forma. Junto das casas do juiz de fora e cadeia publica, por onde o mesmo muro se continuava, stá huma grande torre quadrangular, cujos apozentos inferiores servem tambem de cadeia, e os superiores de passeio e recreação dos juizes de fora» (Capela, 2019: 528).



DUARTE DARMAS E ESCUDEIRO (8)

JUROMENHA

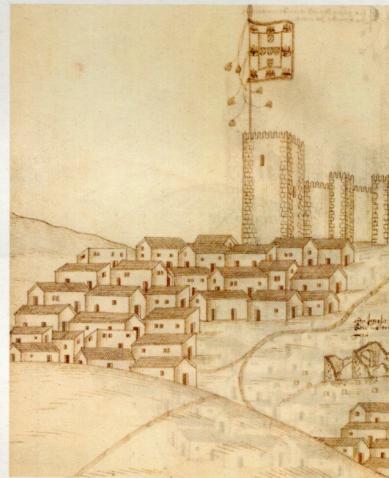
Vista à luz de Duarte Darmas e dos nossos dias, Juromenha parece um espelho quase perfeito. O sítio parou no tempo e as diferenças, a voo de pássaro, são menos do que se esperaria.

O castelo marca bem as duas vistas, de norte e de sul. É o pano de muralhas medievais que se destaca. Hoje, o conjunto fortificado apresenta-se em dois planos, com a fortificação mais antiga ainda presente, mas com as muralhas modernas a imporem-se, em primeiro plano.

A vista de norte mostra-nos a torre de menagem, à esquerda. Ou seja, no limite oriental da fortificação. As estruturas foram bastantes modificadas após a Restauração, tendo sofrido danos consideráveis em 1659, aquando de uma explosão do paiol de pólvora, que causou uma grande destruição (Paix, 2015: 17).

Para nordeste, estendia-se o povoado extramuros. No centro, via-se então – tal como hoje – a ermida de Santo António. À sua volta, organizava-se o espaço funerário de Juromenha, do qual se reconhecem várias lápides. O mau estado em que o edifício se encontrava é sublinhado pelo desenhador: «esta igreja se derybou no tempo da gera». Poderá Duarte Darmas estar, eventualmente, a aludir à Guerra de Sucessão de Castela, ocorrida entre 1475 e 1479. Do lado direito da imagem, a norte da localidade, surge outra pequena igreja, da qual não restam quaisquer vestígios. Nas cartas militares do século XVIII, é visível uma pequena igreja, situada a 300 metros do arrabalde. As Memórias Paroquiais não a mencionam, tal como não fazem referência à igreja de Santo António.

A vista a partir de sul é bem mais simples, destacando-se apenas as muralhas do castelo e a presença marcante do rio Guadiana.



BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João de, 1943 – *Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*, Lisboa, Editorial Império.
- AZEVEDO, Pedro, 1900 – Auto d'uma posse do Castello de Noudar e inventário do que lá existia no século XVI, in «O Archeólogo Português», Vol. V, Lisboa, 146-151.
- BARROCA, Mário, 2000a – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*, vol. II, tomo I, s.l., Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BARROCA, Mário, 2000b – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*, vol. III, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BARROCA, Mário, 2006 – *Terena, o castelo e a ermida da Boa Nova*, Lisboa, IPPAR.
- BARROCA, Mário, 2018 – «O Livro das Fortalezas de Duarte Darmas – contributo para uma análise comparativa dos manuscritos de Lisboa e de Madrid», in *Genius loci: lugares e significados, breves reflexões* (org. Lúcia Rosas et al.), vol. 2, Porto, CITCEM, p. 183-205.
- BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima, 1995 – *As terras, as serras, os rios: as Memórias Paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- BRANCO, Manuel da Silva Castelo, 2006 – *Livro das Fortalezas – fac-simile do ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, 3.ª. ed., Lisboa, Edições INAPA.
- BUCHO, Domingos, 2000 – *Herança cultural e práticas de restauro arquitectónico durante o Estado Novo (intervenções nas fortificações do Distrito de Portalegre)*, Dissertação de doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico apresentada à Universidade de Évora, Universidade de Évora.
- CAPELA, José (et al.), 2019 – *As freguesias dos distritos de Castelo Branco, Portalegre e Olivença nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*, ed. dos autores, Braga.
- CARNEIRO, André, 2014 – *Lugares, tempos e pessoas: povoamento rural romano no Alto Alentejo*, vol. II, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CATARRUNAS, João, 2015 – *Cidade de pólvora em tempos de guerra e de paz. Estratégia urbana e arquitectónica para Campo Maior*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- COELHO, André, s.d. – *Memória Paroquial da freguesia de Santa Maria, comarca de Beja* (doc. depositado na Câmara Municipal de Serpa).
- CID, Pedro, 2005 – «Castelo de Vide e o álbum de Duarte d'Armas: algumas notas», in *Revista Património Estudos*, n.º 8, Lisboa, IPPAR, Departamento de Estudos, p. 108-119.
- COLLAÇO, João Maria Tello de Magalhães, 1929 – *Cadastro da população do reino (1527). Actas das comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*, Lisboa.
- CORREIA, Fernando Branco, 2013 – *Elvas na Idade Média*, Lisboa, Universidade de Évora/CIDEHUS.
- CORREIA, José António, 2005 – *Freguesia de Santo Agostinho: histórias e memórias*, Moura, Junta de Freguesia de Santo Agostinho.
- CUNHA, Rui, 2003 – *As medidas da arquitectura – séculos XIII-XVIII. O estudo de Monsaraz*, Casal da Cambra, Caleidoscópio.
- DIAS, João José Alves, 2015 – *Livro das Fortalezas – manuscrito n.º 159, ca. de 1509*, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Casal da Cambra, Caleidoscópio.
- GALEGO, Júlia – *A comarca d'amtre Tejo e Odiana no numeramento de 1527-1532*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.
- GAMEIRO, Pedro Matos, 2018 – *Azimute – aferição das orientações do Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- GONÇALVES, José Pires, 1961 – «Monsaraz e seu termo (ensaio monográfico)», in *Boletim Anual de Cultura*, n.º 2, Évora, Junta Distrital de Évora, p. 1-158.
- JESUÍNO, Rui, 2016 – *Elvas – histórias do património*, Lisboa, Booksfactory.
- KEIL, Luís 1943 – *Inventário artístico de Portugal – distrito de Portalegre*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes.
- MACIAS, Santiago (et al.), 2016 – *Castelo de Moura. Escavações arqueológicas: 1989-2013 - textos*, Moura, Câmara Municipal de Moura.
- MOREIRA, Isabél Alves, 2013 – *Memórias Paroquiais da vila de Alandroal e seu termo (1758)*, Lisboa, Ed. Colibri / Câmara Municipal de Alandroal.
- OLIVAL, Maria Fernanda, s.d. – *Mourão – Nossa Senhora das Candeias*, in <http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/mourao-nossa-senhora-das-candeias>.
- OLIVAL, Maria Fernanda, s.d. – *Reguengos de Monsaraz – Santiago*, in <http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/reguengos-de-monsaraz-santiago>.
- OLIVAL, Maria Fernanda – *Serpa – Santa Maria* in <http://www.cidehusdigital.uevora.pt/s/portugal1758/memorias/serpa-santa-maria>.
- OLIVEIRA, José Augusto, 2011 – *Castelo de Vide na Idade Média*, Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2011.
- PAIS, Ana Cristina (et al.), 2015 – *Arte sacra no concelho de Alandroal – inventário artístico da arquidiocese de Évora*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida.
- PÁSCOA, Marta, 2003 – *Memórias paroquiais da vila de Moura e seu termo*, Moura, Câmara Municipal de Moura, 2002.
- PEREIRA, Paulo, 2012 – *A «fábrica» medieval. Concepção e construção na arquitectura portuguesa (1150-1550)*, Dissertação de doutoramento em Arquitetura defendida na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- SERRÃO, Vitor (et al.), 2015 – *Alpalhão: património histórico e artístico*, Alpalhão, Liga dos Amigos de Alpalhão.
- TORRES, Cláudio (et al.), 2014 – *Mesquita Igreja Matriz, in «Museu de Mértola – catálogo geral» (coord. Susana Gómez-Martínez)*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, p. 131-143.
- TRINDADE, Diamantino, 1981 – *Castelo de Vide. Arquitectura religiosa – subsídios para o estudo das riquezas artísticas em Portugal*, vol. I, Lisboa, Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- VIEIRA, Rui Rosado, 1987 – *Campo Maior – Vila Quase Cidade (Séculos XVI e XVII)*, Campo Maior, Câmara Municipal de Campo Maior.

FICHA TÉCNICA**TÍTULO**

Duarte Darmas: do cálamo ao drone

TEXTO

Santiago Macias
Fernando Branco Correia (Elvas)

FOTOGRAFIAS

Santiago Macias
Daniel Capa (drone)
Orlando Fialho (Carmo, p. 88 e brasão, p. 89)
Alberto Frias (Criptopórtico, p. 66)
Rui Ferreira (Castelo, p. 88)

DESIGN GRÁFICO

TVM Designers

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

TIRAGEM 1500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 491428/21

EDIÇÃO

MultiCulti – Culturas do Mediterrâneo

© MultiCulti 2021



FICHA TÉCNICA**TÍTULO**

Duarte Darmas: do cálamo ao drone

TEXTO

Santiago Macias
Fernando Branco Correia (Elvas)

FOTOGRAFIAS

Santiago Macias
Daniel Capa (drone)
Orlando Fialho (Carmo, p. 88 e brasão, p. 89)
Alberto Frias (Criptopórtico, p. 66)
Rui Ferreira (Castelo, p. 88)

DESIGN GRÁFICO

TVM Designers

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

TIRAGEM 1500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 491428/21

EDIÇÃO

MultiCulti – Culturas do Mediterrâneo

© MultiCulti 2021

